



As

AVENTURAS

de

JACK POMEROY



P. W. DARNTON



As

AVENTURAS

de

JACK POMEROY



P. W. DARNTON



As

AVENTURAS

de

JACK POMEROY



*Tradução
Rodrigo Silva*



Editora  *Letras*



Título Original: The Adventures of Jack Pomeroy, A Book for Boys
por P. W. Darnton

Copyright© Editora Letras
1ª edição em português: abril de 2016
ISBN: 978-85-66209-26-6

Todos os direitos reservados em língua portuguesa por:
Editora Letras
Rua Engenheiro Rebouças, 1078 – Sala 42 – Centro
CEP: 85851-190
Foz do Iguaçu - PR
www.editoralettas.com

Tradução: Rodrigo Silva
Revisão: Karina Silva
Capa e Diagramação: EL Publicações LTDA

D223a Darnton, P. W. (Peter William), 1833-1913

As aventuras de Jack Pomeroy / P. W. Darnton ; tradução Rodrigo
Silva. – Foz do Iguaçu, PR : Editora Letras, 2016.
64p. : 21 cm

Tradução de: The adventures of Jack Pomeroy
ISBN 978-85-66209-26-6

1. Literatura infantojuvenil. 2. Literatura infantojuvenil cristã. 3.
Aventura. 4. Valores e virtudes. I. Título.

CDD: 028.5
CDU: 82-9

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de
19/02/1988. É expressamente proibida a reprodução total ou parcial
deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos,
gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

Sumário

1. Como a História foi Contada.....	7
2. Os Dias da Juventude.....	13
3. Novos Companheiros	23
4. Entre os Bandidos	29
5. Um Grande Encontro e as Suas Consequências	34
6. A Grande Mudança	41
7. O Hóspede Inesperado.....	48
8. A Fuga	55

Capítulo 1

Como a História foi Contada

Meu avô, o Capitão Pomeroy, era um senhor distinto, vigoroso e robusto que, embora com seus 72 anos, ainda era cheio de vida e energia.

Às vezes ele nos surpreendia, vindo aos nossos quartos às seis horas da manhã, nos desafiando a irmos jogar as redes do outro lado da baía, antes do café, ou em alguma bela manhã, dizendo que um grande cardume de peixes tinha sido visto nas proximidades, e que ele queria sair com os barcos.

Nós achávamos que não havia um velhinho tão alegre quanto o nosso avô; e ele era tão bom quanto era alegre. Ele nunca foi visto com o rosto fechado, e sabíamos que ele costumava passar muitas horas sozinho, orando a Deus por nós, seus meninos e meninas; a quem ele costumava dar alguma palavra em particular, ou algum pequeno conselho, que vinha diretamente do seu coração, quando possivelmente nos via fazendo alguma tolice ou desobediência. Mas, mesmo assim, seu rosto feliz nunca ficou carrancudo, nem mesmo por um momento.

O Capitão Pomeroy costumava ser o meu conceito de cristão; e foi muito bom para um rapaz como eu,

ter diante de si um caráter tão firme, verdadeiro e doce como um exemplo de cristianismo. Isso foi melhor do que uma centena de sermões, apesar de eu não ter nada contra sermões.

A vida do vovô Pomeroy foi um sermão perpétuo, pregado continuamente, porém nunca sendo cansativo a ninguém.

Quando criança, eu sempre ouvia as pessoas zombando da religião, ou dizendo coisas duras sobre as pessoas religiosas, no entanto, instintivamente, eu sempre pensava no meu avô, e isso foi o melhor argumento a favor do cristianismo que poderia ter sido deixado para mim.

Nenhum período de férias era tão aguardado por nós, com tanto prazer, como aquelas uma ou duas semanas que passávamos em Saltbury, onde o Capitão Pomeroy morava, vendo e ouvindo o seu muito amado oceano.

Eu vou contar para vocês a história da sua vida, como ele nos contou quando éramos jovens, e realmente penso que as circunstâncias em que ele nos contou foram quase tão fantásticas quanto a própria história, e por isso vou dizer-lhes como isso aconteceu:

No verão, meu irmão mais novo Ted, nossa irmã Hester e eu fomos a Saltbury e, enquanto estávamos lá, uma grande expedição foi planejada. Sairíamos todos no barco do Capitão Pomeroy: *A Marguerita*. Depois de contornarmos o farol, iríamos para uma parte da costa, onde havia uma caverna particularmente confortável, abundando com todos os tipos de cascalhos parecidos com lindas pedras preciosas, das quais Hester queria levar uma coleção para casa. Por isso, “abastecemos o

barco de provisões”, como disse o velho senhor; ou seja, colocamos a bordo um bom e saudável almoço, e de manhã cedo, com um vento favorável, estávamos no mar.

Ted e eu manejavamos as velas, e nosso avô era o capitão e o timoneiro. Esse nos foi um momento especial. O dia estava lindo, ou assim parecia para nós, embora notamos que o velho senhor lançava olhares bastante curiosos em direção ao mar. No entanto, ele não disse nada, e teria sido necessário uma boa dose de “palavras” para amortecer os nossos espíritos naquela manhã.

Depois de navegar por cerca de duas horas baixamos as velas e entramos em uma baía.

Esta pequena baía ficava a cerca de 35 ou 40 quilômetros de Saltbury, em uma longa península rochosa, que saía como um braço torto. Passamos por ela sem problemas, e fomos para um pequeno riacho ou reentrância entre duas torres, onde havia uma praia de areia clara, na qual o barco poderia ancorar ou parar na areia, conforme escolhêssemos. Nós logo desembarcamos, e como estávamos com fome por conta da nossa viagem, começamos a desempacotar os cestos para o almoço.

Enquanto estávamos sentados na praia nos alegrando, observamos o céu ficar gradualmente nublado; e o vovô disse, em voz grave:

– Bem, meus jovens, eu estou feliz por termos chegado aqui antes do vento, mas nós teremos uma tempestade.

– Não será grande, será, vovô? – perguntou Hester.

– Ah! mocinha, eu não posso dizer ainda – respondeu ele. – Mas estamos bastante seguros, por sorte. Agora é melhor você ir e pegar suas pedras antes que a chuva comece.

A tarde avançava devagar, e reunimos uma esplêndida quantidade de pedras e algas marinhas, e todos os tipos de coisas curiosas, enquanto o velho senhor permanecia sentado sobre as rochas. Durante esse tempo o vento foi aumentando. E logo começamos a ver ao longe a crista espumosa das ondas, e eu, como sendo o mais velho e mais experiente, senti um pouco de receio sobre a nossa viagem de volta.

Eu estava pensando em perguntar ao meu avô se não seria melhor irmos antes que o mar se tornasse mais revoltoso, quando ouvi sua voz chamando por Hester.

– Será que você colocou algum chá na cesta, mocinha?

– Sim – disse Hester, correndo. – E a chaleira está no barco. Vamos fazer uma fogueira?

– Eu acho que é melhor encontrarmos um abrigo primeiro. Vocês rapazes, corram e peguem um pouco de madeira seca. Logo teremos chuva.

E então, levantando-se, seguiu em frente, para uma pequena caverna na praia. A caverna não seguia reto entre as rochas, mas tinha uma espécie de curva no fundo, assim tínhamos um bom abrigo contra qualquer vento que viesse do mar.

– Aqui está a nossa sala de chá. Agora o fogo – disse ele, com uma voz alegre.

– Será que vai chover muito? – perguntei.

– Devo dizer que *choverá* muito, e mais do que isso,

eu não espero que vocês cheguem em casa para o jantar hoje à noite, meus jovens – respondeu.

– Oh, que legal! – gritou Ted. – Eu disse, Hester, é tão bom quanto sermos náufragos.

– Hum! – exclamou meu avô. – Eu devo dizer um pouco melhor, meu rapaz.

– Foi muito bom termos trazido bastante pão e outras coisas – gritei.

– Ah! Você pode confiar em um velho marinheiro sobre o cuidado com as provisões, meu rapaz, não vamos morrer de fome esta noite.

Assim, o fogo foi feito e a chaleira pendurada em uma vara torta, e em uns quinze minutos estávamos todos bebendo chá quente em canecas de alumínio, e comendo pão, carne e bolo à vontade. O vento agora soprava forte, e a chuva começou a tamborilar violentamente nas rochas fora da nossa caverna.

Ted e eu corremos para o barco, verificamos as amarras, e cobrimos tudo que não podíamos levar para a caverna.

– A vovó deve estar muito preocupada com a gente, o senhor não acha? – perguntou Hester.

– Não, não, minha querida. Ela conhece o velho marinheiro muito bem para saber que eu estarei sentado aqui com todos vocês fora da chuva. A razão para isso é que ela e eu almoçamos muitas vezes nesta caverna.

– Alimentem o fogo, rapazes – continuou ele. – Vamos ter frio hoje, e já está começando a anoitecer.

Assim, nos sentamos em algumas pedras conforme a escuridão aumentava, e o fogo ardia intensamente.

– Bem, vovô – disse eu. – Aqui estamos, você não vai nos contar uma história para passar o tempo e impedir que a fome venha?

– Ah, claro que vou, se vocês quiserem – respondeu. – Eu sempre quis contar a vocês sobre a minha vida na juventude, e como cheguei a ser o que eu sou agora, e de como tive uma série de altos e baixos. De como tive abundância de tempestades e calmarias na minha vida, e de como se eu não tivesse um Pai misericordioso e paciente acima de mim, não estaria aqui hoje.

– Este será o lugar ideal para uma história, não é? – disse eu. – Vamos todos nos sentar mais perto.

Então, ficando o mais próximo que podíamos, ouvimos a seguinte história, enquanto a tempestade batia nas rochas do lado de fora e preenchia as pausas com seus incessantes trovões.